

Rodrigo Pimenta

Sobre a fria lajem do seu coval, memoremos sentidamente, em linhas singelas de consideração imparcial, a sua figura humilde, inteiramente despida de vaidades e egoísmos, e os méritos pessoais da sua obra, que sem empolamentos e favor, poderemos considerar de objectiva utilidade.

Filho de Manuel Lopes Pimenta e D. Silvina Rosa, nasceu em Guimarães em 30 de Março de 1885.

Exerceu, durante muito tempo, o cargo de bibliotecário da Sociedade Martins Sarmento, e desempenhou, no curso estirado de 26 anos, as funções de Conservador do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

Rodrigo Pimenta pouco escreveu, quer dizer, nunca entrou abertamente naquella actividade literária ou jornalística que lhe desse os encartados foros para o considerarmos, em tilintado vozear, um escritor ou jornalista, embora tivesse deambulado, de furta-fogo, pelo jornalismo, nos primeiros tempos das lutas partidárias, lutas viscosas, resvaladiças, onde se atropelava uma mocidade esbrascada, chamejante, idealista e boémia.

Acompanhando o clima espiritual duma geração azougada e irreverente, que marcava já a sua personalidade no campo do jornalismo, da poesia, da história e das Letras, juntava-se afoitamente, apaixonadamente, ao impulso expandido pelos sequiosos lutadores dos ideais estridentemente rubros, e aos cultores da boa literatura, sem querer ou desejar, todavia, fazer carreira política ou literária.

Foi sempre um homem simples, dormente de vontade, de juventude benigna, apapricada por um tio a quem temia, porque era de infatigável farejamento sobre os passos e discorrimentos dos dois sobrinhos (Alfredo e Rodrigo) que tinha sob tutela.

Embora cauteloso ao excogitamento do seu maioral, o velho ricaço Silvestre José Lopes Pimenta, a sua grande satisfação, pelo ímpeto de viveza natural ao fogo do espírito, era acamaradar com os que marcavam intelectualmente a sua posição, na corrente humana e destacante da superioridade produtiva.

O tio Silvestre era um daqueles patriarcas sisudos e mal humorados, fugidos às tentações do mundo, diabo e carne, sem-



RODRIGO PIMENTA

30 Março 1885 ✠ 17 Maio 1959

pre por Deus e D. Miguel, com disciplina familiar cominatória; forte, rude e durázia, mantida desde a porta da rua ao escabelo da lareira.

Alfredo Pimenta, depois de formado, arrepiou caminho e desligou-se da álgida tutela. E seguindo a liberdade do espírito, foi sentindo bem cedo os amargos da vida e da sua caprichosa afoiteza dos passos libertados, mas foi subindo, compensadoramente, por si próprio, a rasgos de audácia e de talento, a todos os píncaros da cultura e do saber humano.

O irmão Rodrigo, mais submisso, quedou na modorrice do lar repousante e afectuoso, e deixou-se amadurar ao calor da regulada temperança do velho tio Silvestre.

Apareciam as tertúlias, os centros, os jornais, os grupos, os partidos, e Rodrigo Pimenta lá estava, mais por deleite intelectual e sentimentos de camaradagem amiga, do que por íntima e sentida comunhão partidária, na fileira dos novos valores da nossa terra, com Alfredo Pimenta, Eduardo de Almeida, João de Meira, Alfredo Guimarães, Arnaldo Pereira, Mário Cardoso, A. L. de Carvalho, Jerónimo Almeida e Mariano Felgueiras.

Espírito amedrontado, desencorajado, duma timidez atrapalhante, sensibilidade nervosa, de fortes emoções, nunca se entregou ao prazer irradiante de valorizar, pelos assomos dos desejos irreprimíveis, em folhas de livro, os recursos da sua inteligência e os preliminares da sua tendência de gosto e simpatia.

De maneira que a sua bibliografia não conta.

Pouco ou nada escreveu, porque não quis, em virtude duma preguiça mental e abatimento sensório, modo de ser que se nega inteiramente a sublinhar as impressões que ocorrem ao sentido, e a revelar os cogitamentos em letra impressa.

Mas o que realizou, em duradoura colecção de espécies manuscritas, da mais vincada ancianidade, foi muito.

O seu feitio acomodou-se, por instintiva adaptação, com detença, à serenidade das tarefas de catalogação de livros e cartulários, e organização metódica de ficheiros e de índices remissivos.

De maneira que, não tendo sido um bibliotecário diplomado; foi um arquivista conservador de certo merecimento, capacidade e reflexão, pelo que amplamente organizou, sem ajudas, adentro da babelónia desorientadora do Arquivo Municipal de Guimarães, levando a cabo, depois de aturados anos de serviço constante, uma obra paciente de colector de inúmeros instrumentos de trabalho, para utilidade dos estudiosos. Montou um teclado subtil e silencioso de notas de consulta.

As suas regras catalográficas, adoptando todos os elementos de identificação e informação histórica, seguiam a moderna ciência biblioteconómica.

Cada verbete tem de ser uma valoração qualificada de bibliografia.

A incorporação, a arrumação orientada de um sem número de papéis manuscritos, de textos enigmáticos e valioso recheio de códices e pergaminhos do Arquivo, dando-lhes conexão e a verbetagem necessária, transparente de consulta, todo este grande serviço, de firmeza e de constância, deve-se exclusivamente a Rodrigo Pimenta.

É este grande serviço, não é só serviço, é a realização de uma grande obra, de mérito cultural e de notabilíssimo alcance educativo.

Claro que é uma obra das que se não vêem. Não é de cabeçalho, de escaparate, de jactância.

É só de admiração à consciência dos estudiosos. É uma riqueza cultural, em amealhos de papelinhos, que está às ordens de todos.

Para que fora das bibliotecas e dos arquivos se espalhe o conhecimento das espécies, e para que a realização dos objectivos culturais se prolongue em todos os sentidos da espiritualidade e da mentalidade, afervorando os estudiosos e os investigadores, é indispensável que os núcleos, as colecções e as sub-colecções, os recheios, os livros e os códices, estejam verbetados com critério lúcido, e o seu preenchimento seja perfeito, esclarecido e minucioso.

Isto é ciência metodológica.

Nos arquivos, sobretudo, todos estes requisitos são precisos, pois a matéria é tanta, tão variada, tão junta e emaranhada, que por vezes é difícil o encontro de qualquer documento, se a utilizada ajuda do verbete e a conexão dos assuntos não se desfiam em pormenor de circunstância, que facilite compreensivamente as rebuscas.

Mesmo assim, quantas vezes a meditação é prolongada sobre as linhas escritas naquelas tiras estreitinhas de papel!

E pretendendo adivinhar, entre a obtusidade do que se nos fecha aos olhos, quantas incertezas e dúvidas: *será? estará?*

O Arquivo Municipal de Guimarães foi criado por decreto de 27 de Junho de 1931, sem encargo algum para o Estado, ficando instalado em dependências da Sociedade Martins Sarmento, e confiado à guarda e direcção da referida Sociedade.

Mais tarde, passou para a casa de Martins Sarmento, no Carmo.

Depois de várias andanças e questiúneulas, que não vem para aqui referir, pois a história do Arquivo está feita, podendo, quem quiser conhecer todas as suas passadas, percorrer vários fascículos da *Revista de Guimarães*, depois de acidentadas andanças, dizíamos, a abertura solene do Arquivo, no edifício dos antigos Paços do Concelho, que actualmente ocupa, realizou-se no dia 14 de Outubro de 1934.

O Arquivo Municipal de Guimarães, é um organismo vivo, destinado a ser, futuramente, pela copiosa entrada de muitas e

várias espécies notariais, judiciais e eclesiásticas, um Arquivo clássico de documentação local — histórica, administrativa e social.

Tão grande representação de fundos documentais exigirá, mais tarde ou mais cedo, um edificio próprio, um funcionário diplomado, um horário rigoroso, para o seu desenvolvimento normal, e poder separar as valiosas relíquias manuscritas nos seus respectivos núcleos: da Colegiada (este o mais importante), notarial, judicial, igrejário e camarário.

O edificio que ocupa é exíguo, inadequado, sujeito a vários riscos e perigos, sem condições para uma instalação condigna e descentralização do que é propriamente matéria de arquivo do que conta já em bibliografia, em virtude do intercâmbio cultural que mantém.

Vivendo em tão limitado ambiente, e com a aproximação de um mais rasgado horizonte cultural, é indispensável que o Município preste a sua valiosa colaboração àquele núcleo clássico da história local, ajudando-o a uma mais apropriada instalação, para que possa ter uma unidade de bom arrumo, de melhor disposição e confortável acolhimento de consulta.

Em Março de 1933, iniciou o Arquivo a publicação do *Boletim de Trabalhos Históricos*, sob a direcção do Dr. Alfredo Pimenta.

A escolha dos documentos a publicar, o trabalho de revisão e administração estavam a cargo de Rodrigo Pimenta.

Até ao volume XX, do ano de 1958, a soma documental publicada é considerável e valiosíssima, servindo a cultura e contribuindo para a elevação espiritual das populações.

O volume XI (1947-48), de 341 páginas, comporta unicamente o Índice Geral dos vols. I a X do *Boletim*.

É um índice muito elucidativo para o esclarecimento de toda a matéria publicada no correr dos dez volumes, índice onomástico, toponímico e ideográfico, organizado por Rodrigo Pimenta, com aquela devotada paciência que requerem os trabalhos desta natureza, pois sendo bons e rigorosos, constituem, em prática formulação, um código de regras e de epígrafes. Este volume informativo, foi devidamente apreciado.

Em carta de 15 de Agosto de 1938, dirigida a Rodrigo Pimenta, dizia o saudoso historiador e ilustre crítico de Arte, Dr. Manuel Monteiro, homem duma requintada civilidade:

Quanto lhe devo e quanto o admiro e aprecio no seu labor verdadeiramente beneditino!

A sua tenacidade sem desfalecimentos, deve-se hoje a benemerência do conhecimento dum material histórico muito importante.

Dando nota daqueles assuntos mais longos, mais importantes e publicados na íntegra no *Boletim de Trabalhos Históricos*, vamos dar-lhes referência, pois a colheita subsidiária que deles

se pode obter é da mais alta importância, não só para a história social, política, administrativa e religiosa de Guimarães, como para a História Geral de Portugal.

E assim, por alto, e ao correr dos fascículos, anotamos:

Cartas de Reis. Registos das cartas dos familiares do Santo Ofício. Inquirições sobre a pureza do sangue. Relação dos religiosos e religiosas dos Conventos de Guimarães. Correspondência de carácter militar dos séculos XVIII e XIX. Termos das entregas das pratas das igrejas, capelas, confrarias e irmandades do termo da Vila de Guimarães em execução do Decreto de 1 de Fevereiro de 1808. Cartulário do Mosteiro de Crasto. Livro dos Privilegiados de Nossa Senhora da Oliveira. Para a história do Arcebispado de Braga. Elementos para um catálogo dos Chantres, Tesoureiros, Mestres-Escola, Arciprestes, Arcidiaconos, Magistrais e Cônegos da Colegiada de Guimarães. Visitações dos Arcebispos de Braga à Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Entradas dos enjeitados da Vila de Guimarães e seu termo, desde 1745 a 1859. Crónica, ou Memória da Real Congregação de Nossa Senhora da Conceição do Douro. Tratado Histórico e Catálogo dos Priores do Real Mosteiro da Costa. Cartas de Profissão e Obediência dos frades do Mosteiro da Costa de Guimarães, desde 1732 a 1831.

No fundo, e no sentido humano, Rodrigo Pimenta era bondoso, afectivo, educado e atencioso.

Ditas estas derradeiras palavras, desejamos, como quem se confessa, e como ele próprio amorosamente desejaria, que o Arquivo de Guimarães dure e perdure eternamente, servindo a cultura, a erudição, os estudiosos e os profissionais.

A vida dos expressivos estabelecimentos de cultura e das instituições de carácter público, é que vale.

A nossa, verdadeiramente, não presta.

ALBERTO BRAGA.